

O PERCURSO EDITORIAL DA OBRA *VIDA DE LA SERENÍSSIMA INFANTA DOÑA MARIA* DE FREI MIGUEL PACHECO

VERA PEIXOTO

UNIVERSIDADE DE UTRUQUE

ABSTRACT

The book *Vida de la Serenissima Infanta D. Maria*, by Friar Miguel Pacheco (? – 1668) of the Order of Christ, was published in 1675, in Lisbon. Its subject matter is, as the title indicates, Princess Maria (1521 – 1577), daughter of King Manuel I of Portugal (1469 – 1521). The book is inscribed in the long tradition of *life-writing*, and it intends to offer a royal/real-life example of virtue and devotion to its readers/listeners.

Although the text was published in Lisbon in 1675 (only known edition), it was written in Madrid. Friar Miguel Pacheco had been sent there by his Religious Order, with the task of carrying out the legacies of Princess Maria, as displayed in her testament. Thus, the printing of the book was started in the Castilian court, only to be interrupted in 1668, when the author passed away, and resumed eight years later in Portugal.

In this article we intend to explore the exceptional and obscure editorial route this book undertook, between 1668 and 1675, between Madrid and Lisbon. We will base our analysis, to a great extent, in an incomplete printed copy recently found in the Castilla-La Mancha Library, in Toledo, and the observation of the variants it presents.

I. O autor e a obra

Em 1675 é publicada em Lisboa, por João da Costa, a obra *Vida de la Serenissima Infanta D. Maria hija del rey D. Manuel, fundadora de la insigne capilla mayor del convento de N. Señora de la Luz y de su hospital, y otras muchas casas dedicadas al culto divino*, de Frei Miguel Pacheco, dedicada à filha do futuro rei D. Pedro II, a infanta Isabel Josefa. Trata-se de um retrato de pendor encomiástico e exemplar inscrito na tradição literária da “escrita de vidas”¹, elaborado em torno do percurso biográfico da insigne princesa D. Maria (1521 – 1577)²,

1 Veja-se, a respeito da “escrita de vidas” ANDERSON, Judith H - *Biographical truth: The representation of historical persons in Tudor - Stuart writing*. New Haven: Yale University Press, 1984; MAYER, Thomas F. e WOLF, D. R. (eds.) - *The Rethorics of Life-Writing in Early Modern Europe. Forms of biography from Cassandra Fedele to Louis XIV*. Michigan: The University of Michigan Press, 1995; assim como a Introdução de FRENANDES, Maria de Lurdes Correia às obras ANJOS, Luis dos - *Jardim de Portugal*. Porto: Campo das Letras: 1999 e CARDOSO, Jorge - *Agiolégio Lusitano*. Porto: FLUP, 2002, 5 volumes.

2 Sobre a Infanta D. Maria, entre os estudos mais recentes, poderá consultar-se os seguintes: PINTO, Carla

fruto da união extemporrânea de D. Manuel I de Portugal com D. Leonor, irmã do imperador Carlos V.

Sobre o autor pouca notícia nos chegou: natural de Coimbra, regular da Ordem de Cristo, Frei Miguel Pacheco ensinou muitos anos no Real Convento de Tomar, onde fez profissão solene a 7 de Março de 1606; foi Procurador-geral da referida Ordem nas cortes de Lisboa e Madrid, exercendo nesta última também funções de provedor e administrador perpétuo do Hospital Real de Santo António dos Portugueses; faleceu em 1668, em Madrid, sendo sepultado no referido Hospital³.

Alferes - *A Infanta Dona Maria de Portugal: o mecenato de uma princesa renascentista*. Lisboa: Fundação Oriente, 1998; SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *A Infanta D. Maria (1521-1577) e a Sua Fortuna no Sul de França*. Lisboa: Álvaro Pinto, 1954; VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de - *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as suas Damas*. 2ª ed. facsimilada. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1994.

3 Veja-se MACHADO, Diogo Barbosa - *Bibliotheca Lusitana*. Coimbra: Atlântida, 1965-1967, volume III, p. 479 e SILVA, Inocêncio Francisco da - *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1972, volume VI, p. 245. Para além desta obra, Frei Miguel Pacheco elaborou ainda o *Epitome da Vida, acções e milagros de Santo Antonio natural de la ciudad de Lisboa, que vulgarmente se llama de la de Padua: ilustrada con breves ponderaciones, añadidos los elogios con que celebraron este Santo Sumos Pontífices, Cardenales, Padres antiguos, y otros autores graves*, sua primeira obra conhecida, inicialmente publicada em Madrid, no ano de 1647, pelo impressor Julián de Paredes, que conheceu duas traduções para a língua portuguesa, em 1732 e 1735 (FERREIRA, Miguel Lopes - *Epitome da vida, acções e milagros do glorioso Santo Antonio de Lisboa, ilustrado con breves ponderações, e acrescentado com elogios em que celebram a este sancto Pontífice, Cardeas, Padres antigos e outros graves auctores: escripto por Fr. Miguel Pacheco, e traduzido do castelhano*. Lisboa: Oficina Ferreiriana, 1732; BALÃO, José Pereira - *Epitome chrono-genealogico e critico da vida, virtudes e milagros do prodigioso portuguez Sancto Antonio de Lisboa*. Lisboa: António Sousa Silva, 1735). E postumamente publicado foi o *Sermaõ do Glorioso Padre Santo António* – única obra de Frei Miguel Pacheco redigida em português – no ano de 1694, em Lisboa, por Manuel Lopes Ferreira. Trata-se de uma edição de cordel em 4º, composta por 20 páginas. Sabemos também da existência de um texto de Frei Miguel Pacheco (cujo formato e extensão desconhecemos) com data de 2 de Fevereiro de 1635 (Madrid), intitulado *Acerca del sacerdot, a quien de derecho toca administrar la santíssima comunión a los señores Comendadores, y Caballeros del Hábito de nuestro [sic.] Señor Iesu Christo, en las quatro fiestas del año, en que por obligación de sus Estatutos comulgan en cuerpo de Comunidad. Con los pareceres de los Reverendísimos Padres Maestros, y señores Catedráticos de la Universidad de Alcalá, en que se muestra que no puede ministro alguno admitirse a sacramentar en estos actos, aviéndolo de la Orden, delegado del prelado a quien toca, y que lo contrario incluye culpa mortal* e que se encontra na Biblioteca Nacional de Madrid (B.N. Madrid. Texto impresso incluído em Ms. 938) e supomos que terão existido também, embora não tenham aparentemente sobrevivido, os textos *Excellencias da Ordem de Cristo; Discurso informatorio, e juridico del derecho que tienen los Regulares de la Orden de Christo para ser Ministros propios de dar el hábito, y traer profession a los Cavalleros della e Quaestiones juridicæ ad Ordines Militares Hispaniæ spectantes* da autoria de Frei Miguel Pacheco, por referências secundárias. A saber: à obra *Excellencias de la Orden de Christo* e ao tratado em latim encontramos referência nos preliminares de outra obra de Frei Miguel Pacheco, que trataremos com mais pormenor adiante, *Vida y acciones de la serenissima infanta de Portugal doña Maria escrita por Fray Miguel Pacheco*. (S.I., s.n., s.a.): “Del mismo Autor ay otro libro, intitulado *Excellencias de la Orden de Christo* [...] Otro tratado en Latin, que se intitula, *Questiones Militares*” (sublinhado nosso). Particularmente, a obra *Excellencias de la Orden de Christo* é referida em outras fontes. O padre jesuíta André Mendo refere-se a ela “cõ louvor” (veja-se MACHADO, *Bibliotheca Lusitana* - ob. cit., III, p. 479) na obra *De Ordinibus militaribus disquisitiones canonicae, theologicae, morales et historicae* (Salamanca 1657; Lyon 1668; Madrid 1682) que se encontra na Biblioteca Nacional em Madrid (cit. em GRANADOS, Juan de Ávila Gijón - “La bibliografía de la Orden Militar de Cristo (Portugal). Del manuscrito al soporte electrónico” in *Via spiritus*. Porto: Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da UP, 2002, vol. 9, pp. 349-428, particularmente p. 381). A obra *Excellencias de la Orden de Cristo* é também

Terá o autor partido para Madrid como procurador da Ordem de Cristo para tratar precisamente dos negócios referentes ao cumprimento das últimas vontades da Infanta D. Maria, negócios esses delegados por testamento em representantes da referida Ordem, vontades essas que vinham sendo há várias décadas descuradas. Uma vez na corte madrilena, terá sido convidado pelo Rei espanhol a permanecer, como poderemos ler nas seguintes linhas:

Foy [...] muitos annos Procurador da sua Religião na Corte de Madrid, de donde El Rey D. Philippe IV. o não quiz deixar sair depois da Acclamação do Senhor Rey D. João o IV. e o fez Provedor, e Administrador perpetuo do Hospital de Santo Antonio dos Portuguezes naquella Corte⁴

Como procurador da testamentária da Infanta D. Maria, teve Frei Miguel Pacheco acesso a uma panóplia de contas, documentos oficiais e cartas particulares que lhe terão servido de base e testemunho na construção de uma verosímil narrativa exemplar, cuidando assim concomitantemente dois critérios inerentes à “escrita de vidas” na Idade Moderna: a utilidade e a credibilidade. A personagem histórica em questão, por escolha ou por condicionantes exógenas, a isso se prestava.

A obra é constituída por dois livros (a que se acresce o índice final), sensivelmente homogêneos em termos de extensão. O primeiro divide-se em vinte capítulos – entremeados de vinte e sete cartas – e expõe a vida da Infanta como princesa e como parte da vida política do Reino, com alusão às várias propostas de casamento de monarcas europeus: propostas que nunca disso passaram, valendo-lhe o epíteto de “sempre noiva”. Esta primeira parte da obra dá-nos conta da vida da Infanta de uma perspectiva exógena, isto é, a personagem central da obra é quase tratada como mais uma peça no jogo político de cenário europeu. Como em crónicas ou anais, aqui o autor estrutura a narração com base no tempo – e não na pessoa⁵ – respeitando na essência uma ordem cronológica, com lapsos e retomas em que guia o leitor.

No segundo livro – composto por vinte e dois capítulos⁶ – em vez de uma

referida na mesma bibliografia da Ordem de Cristo, entre as histórias da corporação (GRANADOS, Juan de Ávila Gijón - “La bibliografía de la Orden Militar de Cristo (Portugal). Del manuscrito al soporte electrónico”, ob. cit., p. 358, nota 31).

4 SOUSA, Manuel Caetano - *Catalogo historico dos summos pontifices, cardeaes, arcebispos, e bispos portuguezes que tiveram dioceses fora de Portugal*. Lisboa: Oficina de Pascoal da Silva, 1725, p. 200.

5 Veja-se MAYER Thomas F. e WOLF, D. R. (eds.) - *The Rethorics of Life-Writing...*, ob. cit., p. 1.

6 Trata-se, de facto, de 22 capítulos ao todo, apesar de na obra apenas se contarem 20 (pois existem dois capítulos numerados como XII e XVIII, respectivamente, no livro segundo). Também no livro segundo são transcritas seis cartas: três das quais contêm referência à translação do corpo da Infanta do Convento da Madre de Deus ao da Luz em 1579, uma referente à testamentária da Infanta e duas em latim, que pretendem ilustrar a propriedade com que tanto a Infanta como a sua famosa dama Luísa Sigea escreviam nessa língua.

sucessão de acontecimentos, é-nos apresentada, em tom de apologética hagiográfica, uma sucessão de virtudes – a pessoa retratada torna-se indubitavelmente o centro da narrativa. Através da descrição pormenorizada das qualidades e das obras da Infanta, Frei Miguel Pacheco traça o esboço de uma D. Maria sábia, casta e “piíssima”, num claro contributo para a fixação de um modelo de comportamento virtuoso e devoto.

No final do segundo livro, a propósito do seu falecimento, encontramos ainda transcritos elogios feitos à Infanta por contemporâneos, entre eles João de Barros, que lhe dedicou um panegírico, Manuel da Costa e André de Resende, Martim de Azpicuelta Navarro, Frei Luís dos Anjos no seu *Jardim de Portugal*, Duarte Nunes de Leão na *Descrição do Reino de Portugal* e Pedro Mariz em *Diálogos de vária História*, assim como documentos oficiais (o testamento e codicilo da Infanta⁷; o Tratado de Casamento do rei D. Manuel com D. Leonor e uma “Alegação de direito sobre o dote da senhora Infanta” com pareceres de juriconsultos portugueses e castelhanos, assim como uma consulta do Tribunal de Ordens sobre o mesmo assunto, etc.)

Ao longo da obra, Frei Miguel Pacheco vai relacionando a Infanta com a vida cultural, religiosa e política do Reino, sempre como uma figura destacada (ainda que recatada) pelas suas “virtudes” e conduta exemplar. Não foi apenas Frei Miguel Pacheco quem atribuiu estas “virtudes” à figura da Infanta – que se traduzem na imagem de estóica e digna “sempre noiva”, mulher casta e devota ou de Princesa douta. Autores por ele na obra citados e outros, anteriores e posteriores, as aliam à sua imagem – apesar de a *Vida* ter sem dúvida contribuído, em larga medida, para a fixação do retrato de feições exemplares desta Princesa. Assim, pelas qualidades e valores a que é associada e pela regra com que nos contam vivia, D. Maria tornou-se – como a apelidou Frei Luís dos Anjos – “exemplo único de virtude a todas as princesas”⁸.

Assim, como outros autores da época, e à semelhança do que se fazia em Itália, Espanha e França⁹, Frei Miguel Pacheco preocupou-se, tanto nesta obra como

7 Este documento foi várias vezes publicado: pouco depois da morte da Infanta, “Treslado do testamento da Iffante, que Deos tem” (S. I.: s. n., depois de 1557). Foi, pelo menos, publicado mais duas vezes: em Lisboa, em 1610, por Antonio Alvarez e depois de 1629, igualmente em Lisboa, s. n. Encontram-se exemplares pelo menos destas três edições na Biblioteca Nacional.

8 ANJOS, Luís dos - *Jardim de Portugal*, ob. cit., p. 242.

9 Veja-se, a este respeito, a introdução de Maria de Lurdes Correia FERNANDES ao *Agiolégio Lusitano* de Jorge Cardoso (ob. cit., pp. 7-17) e também a introdução da mesma autora ao já referido *Jardim de Portugal* de Frei Luís dos Anjos (ob. cit., pp. 9-26). Tanto a obra de Jorge Cardoso como a de Frei Luís dos Anjos, assim como a *Descrição do Reino de Portugal*, de Duarte Nunes de Leão (publicada em Lisboa, por Jorge Rodrigues em 1610), são exemplo desta preocupação em dar a conhecer as virtudes “nacionais”, a “gloria de sua patria, menos acreditada no mundo por esse respeito: pois a julgam os estrangeiros por esteril de Sanctos, pela limitada noticia, que de nossas cousas tem, & pela pouca, que nós delles lhes damos” (CARDOSO, Jorge

na anterior *Epítome de la Vida, acciones y milagros de Santo Antonio natural de la ciudad de Lisboa*, em fornecer exemplos “nacionais”, de santidade por um lado, de devoção e virtude por outro – que servissem de modelo aos seus conterrâneos, mas também que mostrassem que o solo nacional era fértil em tais exemplos.

De forma muito resumida, aqui deixámos o ensino e o contexto subjacentes à génese da *Vida de la Sereníssima Infanta Doña Maria*, mas o que nos concerne neste artigo é antes o caminho percorrido pela obra desde as mãos do autor até à sua impressão em Lisboa, sete anos após a morte de Frei Miguel Pacheco. Teve este volume um percurso editorial curioso e sinuoso, que nos propomos analisar ao longo das próximas páginas.



Frei Miguel Pacheco terá redigido a obra na corte madrilena, em castelhano, com o intuito de aí a publicar, como já teria sucedido com a anterior *Epítome de la Vida, acciones y milagros de Santo Antonio natural de la ciudad de Lisboa* (Madrid, no ano de 1647, pelo impressor Julián de Paredes)¹⁰.

A *Vida de la Sereníssima Infanta Doña Maria* foi de facto levada ao prelo em Madrid, por Frei Miguel Pacheco, ficando a impressão interrompida por morte do autor, em 1668. Assim o podemos ler no “Prólogo” e licenças da obra:

*sabendo se queria transportar a esta corte pera se acabar de dar à imprensa o livro intitulado Vida da sereníssima infanta dona Maria, que o mesmo P. M. havia composto e começado a imprimir, assistindo por administrador do hospital de S. António em Madrid, no tempo que a parca lhe cortou o fio da vida [...] me ofereci para fazer acabar esta obra na mesma língua, em que se começou a imprimir*¹¹.

E na licença de 1674:

damos comissão e ordenamos ao nosso procurador geral Fr. Gerardo Brandão, que prece-dendo as licenças necessárias, faça acabar de imprimir o livro intitulado Vida da sereníssima

- *Agiolégio Lusitano*, ob. cit., tomo I, “A quem ler”).

¹⁰ Na *Vida de la sereníssima infanta D. Maria*, sente-se por vezes que a obra é dirigida ao público castelhano. Frei Miguel Pacheco traduz as cartas e documentos de língua portuguesa, explica o funcionamento da corte lusa e algumas diferenças culturais ou linguísticas. Vê-se também que a perspectiva do autor é castelhana, pelo facto de, ao longo da obra, Filipe II de Espanha, I de Portugal, ser sempre referido como “Felipe II” e Filipe III, II de Portugal, referido como “Felipe III” ou de se referir a Espanha como “nuestra España”.

¹¹ PACHECO, Frei Miguel de - *Vida de la sereníssima infanta D. Maria, hija delrey D. Manoel y fundadora de la insigne capilla mayor del convento de N. Señora de la Luz, y de su hospital: y otras muchas casas dedicadas al culto divino*. Lisboa: Na Officina de Ivan da Costa, 1675. “Prólogo”, p. 3.

*infanta dona Maria que compôs e tinha já dado à imprensa o P. M. Fr. Miguel Pacheco, religioso da nossa Ordem, assistindo na corte de Madrid como procurador geral da nossa religião e administrador do hospital de S. António, onde faleceu*¹²

Não sabemos porque não terá tido seguimento a impressão em Madrid, apesar da morte do autor, pois as informações de que dispomos não nos dão notícia suficiente dos acontecimentos. Sabemos apenas que o livreiro Miguel Manescal terá tomado a seu cargo a continuação da impressão da obra em Lisboa, na oficina de João da Costa, que acaba por ser publicada em 1675 – única edição conhecida da obra. Podemos concluir que houve dois momentos de impressão: um primeiro momento em Madrid e um segundo momento em Lisboa. Mas como se terá processado a transferência? Terão sido os primeiros pliegos todos impressos em Madrid e enviados a Lisboa para se dar continuação à impressão da obra? Se sim, que pliegos terão sido impressos na corte castelhana? Ou terá sido recomeçada a impressão em Lisboa?

II. Contributo do exemplar toledano

Quando nos cometemos, há uns anos atrás, a fazer uma edição crítica da obra *Vida de la Serenissima Infanta Doña Maria*¹³, não suspeitávamos da sua singularidade enquanto objecto editorial. Foi na tentativa de localização dos vários exemplares da obra, e com ajuda do acaso, que nos deparámos com um volume incompleto (de apenas 98 fólios), intitulado *Vida y acciones de la Serenissima Infanta de Portugal Doña Maria escrita por el Rmo. Padre Fray Miguel Pacheco*, sem data (entre 1601 e 1701 por tipografia) ou local de impressão, no Fundo Antigo da Biblioteca de Castilla-La Mancha, em Toledo¹⁴. Este exemplar encontra-se mal referenciado na Biblioteca de Castilla-La Mancha, uma vez que remete para a infanta Maria Ana (ou Mariana) Vitória Josefa, também infanta de Portugal, filha mais velha da rainha D. Maria I, que viveu entre 1768 e 1788. Tal seria impossível, pelo simples facto da obra estar atribuída a Frei Miguel Pacheco, que faleceu, como se viu, em 1668; e a própria obra estar datada, por tipografia, entre 1601 e 1701. Por outro lado, o exemplar não é referido por Diogo Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana*, Inocêncio Francisco da Silva no *Diccionario bibliographico portuguez* ou, em Espanha, por Antonio Palau y Dulcet, no seu *Manual del Librero Hispanoamericano*¹⁵. Foi então este inesperado exemplar que lançou alguma luz sobre o percurso da obra em questão, desde Madrid até Lis-

12 PACHECO, Frei Miguel de - *Vida*, ob. cit., “Licenças”, p. 4.

13 PEIXOTO, Vera - *Edição crítica da Vida de la Serenissima Infanta Doña Maria de Frei Miguel Pacheco*. Porto Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007 (dissertação de mestrado policopiada).

14 Cota: 636(2)

15 PALAU & DULCET, Antonio - *Manual del Librero Hispanoamericano*. Barcelona: Libreria Palau, 1959; Madrid: Julio Ollero, 1990.

boa. Mas comecemos pelo princípio.

Aparentemente, terão sido impressos poucos exemplares da *Vida de la Serenissima Infanta D. Maria*: Inocêncio afirma serem “pouco vulgares”¹⁶ e Pinto de Matos afirma ser esta, das obras que escreveu Frei Miguel Pacheco e se publicaram, a “mais estimada e rara”¹⁷ – ainda assim, na Biblioteca Nacional encontram-se três. Existem também exemplares na Biblioteca Pública do Porto, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, segundo a pesquisa que nos foi possível realizar.

Se procurarmos além fronteiras, encontraremos na vizinha Espanha, pelo menos, três exemplares: na Biblioteca de Castilha-La Mancha, em Toledo; na Universidade de Barcelona e na Real Academia de la Historia, em Madrid. Se formos um pouco mais longe, descobriremos a obra também na British Library, em Londres, e na Biblioteca Nacional de França, em Paris.

Tratando-se de uma obra do século XVII, guardada geralmente nos Fundos Antigos ou Núcleos de Reservados nas Bibliotecas, não nos foi possível ter presentes todos os exemplares encontrados, durante o processo de edição de texto, como aconselha Alberto Blecua¹⁸. Elegemos como base da transcrição o exemplar, em relativo bom estado, guardado na Biblioteca Pública do Porto¹⁹, por ser aquele ao qual tivemos melhores condições de acesso. Ao transcrever o texto apercebemo-nos que, a partir, mais ou menos, do centésimo fôlio (de um total de 204 fôlios), os erros começavam a surgir e repetir-se com mais frequência, e a maior parte deles sugeria uma inovação do impressor por *lectio faciliior*, isto é, a introdução de erros (mormente de adição ou substituição) porque o impressor “no entiende la del modelo y la interpreta por su cuenta (en general, trivializándola)”²⁰ – o que poderia dever-se, como os exemplos ilustrarão, à falta de conhecimento do idioma em que estava redigido o texto e influência da língua materna dos impressores ou caixistas: o português²¹.

Assim, colocámos primeiramente a hipótese de a obra ter sido impressa em Madrid até, sensivelmente, ao centésimo fôlio. Mas o exemplar de Toledo

16 SILVA, Inocêncio Francisco da - *Diccionario bibliographico portuguez*. ob. cit., VI, p. 245.

17 PINTO DE MATOS, Ricardo - *Manual Bibliographico Portuguez*. Porto: Manuel Malheiro, 1878.p. 479.

18 BLECUA, Alberto - *Manual de crítica textual*. Madrid: Castalia, 1983, p. 37.

19 Cota: B-12-35

20 PÉREZ PRIEGO, Miguel Ángel - *La edición de textos*. Madrid: Síntesis, 1997, p. 31.

21 “Cardenal Don Henrique” 102v; “maior” 103v; “Procession en que hia el Santissimo” 106v; “Setiembre” 106v; “se aualio en diez” 108v; “jazigo” 108v; “propria” 110v; “maiordomo” 112r; “podian viuer de su trabajo” 112r; “pera posseer” 115r; “em Portugal” 118r; “Esta virtud es mui propria” 119v; “Digno-se” 122r; “los grillos que lhe acompañauan” 122r; “sua Imagen” 122r; “vna Hermita” 122v; “es verosimil, que por isto” 123r; “engrandecella con nueba obra” 125r; “dizian” 129v; “Damaão de Goes” 133r; “& à mañana” 165r; “se permitem enganar” 165r; “possuia” 166r; “executou” 167v; etc. Alguns dos erros apontados como exemplo ocorriam repetidamente, como “Henrique”; “proprio(a)”; “dizian”; “pera”; “mui” e “em”.

trouxo novas informações, que nos permitiram elaborar uma teoria com maior fundamento.

Este exemplar apresenta um título ligeiramente diferente: *Vida y acciones de la Serenissima Infanta de Portugal Doña Maria escrita por el Rmo. Padre Fray Miguel Pacheco*, não contem referência à data (entre 1601 e 1701 por tipografia), impressor ou local de impressão, apresentando apenas algumas referência ao autor: “De la Orden de Nuestro Señor Iesu Christo y Administrador por su Magestad de la Casa Real de San Antonio de los Portugueses de Madrid”²². Não exhibe igualmente licenças, dedicatória ou prólogo. Apenas mostra, na segunda página, o seguinte texto:

Es de folio; en vn cuerpo dos libros. El primero refiere diuersos sucessos politicos, coligados con quantos de aquel siglo se ofrecieron en Europa; por ocasion de los tratados que huuo para casar esta Princesa, en España, Francia, Alemania, y Saboya, y la razon de no llegar al afecto.

En el segundo se discurre por su vida exemplar, casa que tenia, exercicios della, señores y damas que la seruian. Memoria de los descendientes destos que oy viuen. Fundaciones que hizo en Portugal de Conuentos de Religiosos, y Monjas, hasta elegir sepultura en el de Nuestra Señora de la Luz de Lisboa; con los principios desta Casa.

A lo vltimo se dà noticia del estado en que se hallan sus legados. Pareceres de grandes letras a cerca de lo que se le deue; su testamento, y memorias, que siruen a la inteligencia de toda su testamentaria.

Del mismo Autor ay otro libro, intitulado Excelencias de la Orden de Christo, discurrese con grande atencion por ellas; y se proponen y disueluen muchas questiones nuevas a cerca del modo de dar el Habito, y armar Cauallero desta Orden.

Otro tratado en Latin, que se intitula, Questiones Militares, en que se discurre por las que se ofrecen en las Milicias de España.

*Imperio del hombre en si mismo*²³.

Após esta curta apresentação, inicia-se o texto. O exemplar está inserido num grosso volume de miscelâneas, que anuncia na lombada o título *Noticias Historiales* e é composto por quatro textos ao todo – o último dos quais se encontra também incompleto:

1. *Noticias historiales de la enfermedad, muerte y exequias de la esclarecida reyna de las Españas Doña Maria Lvisa de Orleans, Borbon, Stuart y Austria, nvestra Señora, dignissima consorte del Rey nvestro Señor Don Carlos Segundo de*

22 PACHECO, Frei Miguel de - *Vida y acciones de la serenissima infanta de Portugal doña Maria escrita por Fray Miguel Pacheco*. S.I., s.n., s.a. “Página de Título”.

23 PACHECO, Frei Miguel de - *Vida y acciones de la serenissima infanta de Portugal doña Maria...* ob. cit., “Preliminares”.

Austria, y cuya catholica y avgusta magestad las dirige, y consagra Don Ivan de Vera Tassis y Villarroel – Madrid: s.n., 1690.

2. *Primer noticia de la entrada de la Reyna nvestra señora en Madrid*^{P4} – S. I.: s.n., s.a.

3. *Vida y acciones de la Serenissima Infanta de Portugal Doña Maria por el Rmo. Padre Fray Miguel Pacheco*. S. I: s.n., s.a.

4. *Los hechos del serenissimo señor Don Ivan de Austria, en el Principado de Catalvña por D. Francisco de Fabro Bremundan* – S. I.: s.n., s.a. (mas apresenta licença de 1673).

Levámos a cabo a colação e análise dos erros-guia²⁵ dos dois testemunhos: um exemplar publicado em Lisboa, em 1675²⁶ e o exemplar encontrado em Toledo. À primeira vista, os exemplares (até ao fólho 98, onde acabava o toledano) pareciam iguais: o mesmo conteúdo e disposição em cada página, a mesma qualidade do papel, a mesma tipografia, as mesmas assinaturas, etc. No processo de colação encontrámos cerca de 97 erros comuns conjuntivos – que Alberto Blecua define como “aquele error que dos o más testimonios, no han podido cometer independientemente”²⁷ – sendo os mais frequentes erros por adição e omissão²⁸. No entanto, anotámos também 8 erros tipográficos separativos, que apontam para dois estados ligeiramente distintos da edição e, neste caso, figuravam apenas no exemplar de Lisboa e não no de Toledo²⁹.

Será ainda digno de menção que, em termos de paginação, as falhas de numeração são comuns aos dois exemplares (o fólho 94 aparece como 49 e o fólho 95 como 65). No entanto, até ao fólho 98, apenas no exemplar toledano se omitem (59 e 60) e repetem (87 e 92) fólhos – sem deixarem de ser as assinaturas (assim como o texto) consistentes com as do exemplar impresso por João da Costa.



24 Referente a Mariana de Áustria, filha do imperador Fernando III e D. Maria de Espanha.

25 Definição de P. MAAS cit. em PÉREZ PRIEGO - *La edición de textos*, ob. cit., p. 61.

26 Que, como ficou dito, proveio da Biblioteca Pública do Porto; cota: B-12-35.

27 BLECUA, Alberto - *Manual de Crítica Textual*, ob. cit., p. 52.

28 Adição (“podian con considerar” [4r]; “co como” [16v]; “del del Principe” [43v]; “se se suele” [68r]; “tratataua” [76v]; “muerte de la Reina de la Reina de Francia” [83r]; “no no quitarle” [88r]; etc.) e omissão (“tiene so[lo] el de madre” [36v]; “Emperado[r]” [51v]; “el prime[r] passo” [60v]; “ne[ce]ssario” [74v]; “m[u]cho” [79r]; “graue[me]nte” [86v]; “tambie[n]” [95r]; etc.

29 [6r]: La primere de Emperatriz (Costa); La primera de Emperatriz (Toledo)

[16v]: fue legunda Corona (Costa); fue segunda Corona (Toledo)

[16v]: de difente matrimonio (Costa); de diferete matrimonio (Toledo)

[77v]: Colegos (Costa); colegios (Toledo)

[78r]: bijos (Costa); hijos (Toledo)

[95r]: nustra sigea (Costa); nuestra Sigea (Toledo)

Após reflectirmos sobre estas informações, formulámos uma hipótese, que nos pareceu ser a mais verosímil, sobre a forma como se terá processado a impressão da obra nas duas cidades. Considerando que o exemplar encontrado na Biblioteca de Castilla-La Mancha e o exemplar impresso por João da Costa representam os dois momentos distintos da impressão da *Vida de la Serenísima Infanta D. Maria*:

1. O texto terá sido impresso em Madrid até ao fólho 98 – assim, acreditamos que o exemplar toledano seja fruto do primeiro momento da impressão.

2. Após a morte de Frei Miguel Pacheco, ter-se-á iniciado uma nova impressão em Lisboa, na oficina de João da Costa, com base no impresso madrileno de 98 fólhos, de que o exemplar toledano é testemunho – o que explicará, para além dos erros comuns conjuntivos, também os erros separativos, inevitavelmente decorrentes do momento da cópia.

3. A partir do fólho 98 em diante, a impressão terá sido realizada já com base num manuscrito – o que explicará a maior ocorrência de intervenções dos caixistas ou impressores portugueses, consequência de uma maior dificuldade de leitura do modelo³⁰.

Colocámos também a hipótese de os exemplares lisboeta (até ao fólho 98) e toledano representarem simplesmente dois estados da mesma impressão, realizada em Madrid – o que explicaria igualmente os erros separativos, pois “En muchos casos, si las erratas son advertidas durante la impresión de un pliego, se para la tirada, se corrige un molde, reanudándose a continuación la misma”³¹. Assim sendo, o estado do exemplar de Toledo seria posterior, pois nele os erros, que figuram no exemplar de Lisboa, teriam sido corrigidos. No entanto, se assim tivesse ocorrido, não faria muito sentido que se tivesse elegido o primeiro estado – com mais erros – para integrar a versão completa, de Lisboa.

No que diz respeito ao exemplar incompleto de Toledo, a que propósito teria ele sido integrado num livro de miscelâneas? Nos reinos de Castela, após a pragmática de 1558, instituiu-se que o impressor devia imprimir o texto sem a portada ou outros preliminares (a licença, a taxa, o privilégio – quando era concedido –, o nome do autor, impressor, lugar de impressão e data só poderiam ser imprimidos após o texto ter sido aprovado e rubricado pelo Conselho)³². Ora,

30 PÉREZ PRIEGO - *La edición de textos*. ob. cit., p. 26.

31 MOLL ROQUETA, Jaime - “Problemas bibliográficos del libro del Siglo de Oro” in *Boletín de la Real Academia Española*, LIX (1979), pp. 49-107. p. 66. Veja-se também GASKELL, Philip - *Nueva Introducción a la bibliografía material* (trad. Fernández Cuartas, Consuelo e Álvarez Álvarez, Faustino). Gijón: Trea, 1999, p. 394.

32 MOLL ROQUETA Jaime - “Problemas bibliográficos del libro del Siglo de Oro”, ob. cit., p. 52 (A exigên-

o exemplar de Toledo não apresenta nem licenças, nem taxa, nem informações sobre a impressão, o que demonstra que se encontrava naquilo que Jaime Moll define como “estado primigenio”, isto é, não censurado³³. Conjecturamos que tenha sido encontrado na oficina do impressor madrileno e posteriormente integrado no referido volume de miscelâneas – posteriormente inclusivé à edição lisboeta de 1675, pois o primeiro texto que figura nesse volume apresenta a data de impressão de 1690, como ficou referido. Nesse momento, ter-se-á adicionado a portada, com o título *Vida y acciones de la Infanta de Portugal Doña Maria* – que, no entanto, desconhecemos se seria o título original da obra, ou um ideado na altura.

Curioso ainda é que no resumo introdutório do exemplar toledano, exibido depois da portada, se sintetiza toda a obra – e não apenas o trecho compreendido até ao fólho 98. As conjecturas persistem: Teria sido este resumo encontrado junto com os fólhos impressos em Madrid? Teria sido redigido com base no manuscrito, para apresentar posteriormente ao Conselho, anexado com a obra? No entanto, o referido resumo é iniciado com a descrição impressa do texto: “Es de folio”³⁴. Será que quem tomou a iniciativa de compilar o volume de miscelâneas conhecia a obra completa?

Infelizmente estas questões ficaram ainda por responder. Quiçá algum leitor deste artigo se entusiasme o suficiente para dar seguimento à investigação. Quanto a nós, terminamos com dizer que são estas fortuitas descobertas que tornam o trabalho de investigação aliciente e recompensador.

cia legal da presença do ano de impressão só se verificou a partir de 1627).

33 MOLL ROQUETA Jaime - “Problemas bibliográficos del libro del Siglo de Oro”, ob. cit., p. 76. Será ainda de notar que, se o exemplar toledano for, de facto, um estado não censurado da obra, a grande semelhança entre este e o exemplar lisboeta aponta igualmente para o facto de o texto não ter sido alvo de grande intervenção dos correctores oficiais portugueses.

34 PACHECO, Frei Miguel de - *Vida y acciones de la serenissima infanta de Portugal doña Maria*.... ob. cit., “Preliminares”.

Obras consultadas

A. FONTES IMPRESSAS

BAIÃO, José Pereira (1735) - *Epitome chrono-genealogico e critico da vida, virtudes e milagres do prodigioso portuguez Sancto Antonio de Lisboa*. Lisboa: António Sousa Silva

FERREIRA, Miguel Lopes (1732) - *Epitome da vida, acções e milagres do glorioso Santo Antonio de Lisboa, illustrado com breves ponderações, e accrescentado com elogios em que celebram a este sancto Pontifices, Cardeaes, Padres antigos e outros graves auctores: escripto por Fr. Miguel Pacheco, e traduzido do castelhano*. Lisboa: Oficina Ferreiriana.

MARIA, Infanta de Portugal (depois de 1577) - *Treslado do testamento da Iffãnte, que Deos tem*. S. I.: s.n.

PACHECO, Frei Miguel de – (1647) *Epitome de la Vida, acciones y milagros de Santo Antonio natural de la ciudad de Lisboa, que vulgarmente se llama de la de Padua: ilustrada con breves ponderaciones, añadidos los elogios con que celebraron este Santo Sumos Pontifices, Cardenales, Padres antiguos, y otros autores graves*. Madrid: Julián de Paredes.

_____ (1694) - *Sermaõ do Glorioso Padre Santo António*. Lisboa: Manuel Lopes Ferreira.

_____ (1675) - *Vida de la serenissima infanta D. Maria, hija delrey D. Manoel y fundadora de la insigne capilla mayor del convento de N. Señora de la Luz, y de su hospital: y otras muchas casas dedicadas al culto divino*. Lisboa: Na Officina de Ivan da Costa.

_____ *Vida y acciones de la serenissima infanta de Portugal doña Maria escrita por Fray Miguel Pacheco*. S.I., s.n., s.a.

SOUSA, Manuel Caetano (1725) - *Catalogo historico dos summos pontifices, cardeaes, arcebispos, e bispos portuguezes que tiveram dioceses fora de Portugal*. Lisboa: Oficina de Pascoal da Silva.

B. BIBLIOGRAFIA GERAL

ANDERSON, Judith H (1984) - *Biographical truth: The representation of historical persons in Tudor- Stuart writing*. New Haven: Yale University Press.

ANJOS, Luís dos (1999) - *Jardim de Portugal* (edição, introdução e notas de Maria de Lurdes Correia Fernandes). Porto: Campo das Letras.

BLECUA, Alberto (2002) - *Manual de crítica textual*. Madrid: Castalia, 1983.

CARDOSO, Jorge. *Agiológio Lusitano* (estudo e índices de Maria de Lurdes Correia

Fernandes). Porto: FLUP, 5 volumes.

GRANADOS, Juan de Ávila Gijón (2002) - “La bibliografía de la Orden Militar de Cristo (Portugal). Del manuscrito al soporte electrónico” in *Via spiritus*. Porto: Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da UP, vol. 9, pp. 349-428.

LEÃO, Duarte Nunes de (2002) - *Descrição do Reino de Portugal*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Centro de História.

MACHADO, Diogo Barbosa (1965-1967) *Bibliotheca Lusitana*. Coimbra: Atlântida, 4 volumes.

MAYER, Thomas F. e WOLF, D. R. (eds.) (1995) - *The Rethorics of Life-Writing in Early Modern Europe. Forms of biography from Cassandra Fedele to Louis XIV*. Michigan: The University of Michigan Press.

MOLL ROQUETA, Jaime (1979) - “Problemas bibliográficos del libro del Siglo de Oro” in *Boletín de la Real Academia Española*, LIX, pp. 49-107.

PALAU Y DULCET, Antonio (1959) - *Manual del Librero Hispanoamericano*. Barcelona: Libreria Palau, 28 volumes.

_____ (1990) - *Manual del Librero Hispano-Americano*. Madrid: Julio Ollero, 7 volumes.

PEIXOTO, Vera (2007) - *Edição crítica da Vida de la Sereníssima Infanta Doña Maria de Frei Miguel Pacheco*. Porto Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado policopiada.

PÉREZ PRIEGO, Miguel Ángel (1997) - *La edición de textos*. Madrid: Síntesis.

PINTO, Carla Alferes (1998) - *A Infanta Dona Maria de Portugal: o mecenato de uma princesa renascentista*. Lisboa: Fundação Oriente.

PINTO DE MATOS, Ricardo (1878) - *Manual Bibliographico Portuguez*. Porto: Manuel Malheiro.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1954) - *A Infanta D. Maria (1521-1577) e a Sua Fortuna no Sul de França*. Lisboa: Álvaro Pinto.

SILVA, Inocência Francisco da (1972) - *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 25 volumes.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1994) - *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as suas Damas*. 2ª ed. facsimilada. Lisboa: Biblioteca Nacional.